

Do (des)encarceramento da(s) noção(ões) de infância e de teatro para crianças e jovens

PALAVRAS-CHAVE:

INFÂNCIA. HISTÓRIA DA INFÂNCIA. CONSTRUÇÃO SOCIAL. TEATRO INFANTOJUVENIL.

RESUMO:

Este artigo pretende trazer algumas considerações sobre a construção histórica e social da noção de infância. O texto apresenta o pensamento de alguns estudiosos que se dedicam ao estudo dessa temática e seu processo contínuo de mudança a fim de contribuir para as reflexões acerca da infância na contemporaneidade e sobre os modos de produção artística voltada para este público.

1. *Ronan Vaz* é ator, iluminador, figurinista, cenotécnico e coordenador artístico-pedagógico da Trupe de Truões. Possui graduação em Artes Cênicas, é Mestre em Artes e graduando em Artes Visuais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

As discussões sobre teatro para crianças e jovens têm se intensificado nas últimas décadas e, apesar de recentes, se comparadas ao desenvolvimento do pensamento acerca do teatro tido como adulto, constituem parte de uma discussão geradora de tensões no campo das Artes Cênicas, assim como também ocorre com as discussões dos conceitos de infância e juventude. A questão do surgimento e da transformação das noções de infância foi abordada pelo historiador Philippe Ariès² (1981). Ao fazer uma análise iconológica da Idade Média, Ariès percorreu as transformações dos sentimentos e das atitudes dos adultos em relação à criança, e aponta, em suas pesquisas, que o sentimento de infância era ausente até o século XVI, surgindo a partir dos séculos XVII e XVIII.

2. "*Philippe Ariès*, historiador francês, utiliza o termo sentimento de infância para se referir à postura adotada para com as crianças, entendendo-as como sujeitos diferentes dos adultos. Essa postura desenvolveu-se, inicialmente, com relação às crianças das classes mais elevadas (século XVI) e, posteriormente, estendeu-se às parcelas mais pobres da população". (MAIA, 2013, p. 15).

ATÉ POR VOLTA DO SÉCULO XII, A ARTE MEDIEVAL DESCONHECIA A INFÂNCIA OU NÃO TENTAVA REPRESENTÁ-LA; É DIFÍCIL ACREDITAR QUE ESSA AUSÊNCIA SE DEVESSE À FALTA DE HABILIDADE OU DE COMPETÊNCIA. PARECE MAIS PROVÁVEL QUE A INFÂNCIA NÃO TIVESSE LUGAR NAQUELE MUNDO. (ARIÊS, 1981, P. 50).

A esse respeito, ao abordar a construção social desta primeira fase da vida do ser humano, o professor Manuel Jacinto Sarmiento (2004) afirma que, para além da representação da infância a partir de um determinado momento na arte, pode-se observar, ainda, que a institucionalização da infância no início da modernidade se deu pela conjugação de vários fatores.

SE, NA ARTE, AS MENINAS DE VELAZQUEZ VÊM OCUPAR O LUGAR VAZIO QUE ESSAS CRIANÇAS DA FORMA ADULTA DA ESCULTURA GÓTICA EVIDENCIAVAM NA GRITANTE AUSÊNCIA DE TRAÇOS DE JUVENILIDADE, NA SOCIEDADE MAIS GERAL, A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA INFÂNCIA FOI O RESULTADO DE UM PROCESSO COMPLEXO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOBRE AS CRIANÇAS, DE ESTRUTURAÇÃO DOS SEUS QUOTIDIANOS E MUNDOS DE VIDA E, ESPECIALMENTE, DE CONSTITUIÇÃO DE ORGANIZAÇÕES SOCIAIS PARA AS CRIANÇAS. (SARMENTO, 2004, P. 3).

Segundo o autor, a criação da escola, a reorganização do núcleo familiar para o cuidado dos filhos e a aceitação da infância como objeto de conhecimento fizeram com que surgisse um conjunto de saberes sobre a criança, abordagens comportamentais e pedagógicas. Com isso, entendo ser possível afirmar que a noção de infância e de juventude da atualidade vem sendo construída historicamente, e que esses fatores, conforme anunciado por Sarmiento (2004), potencializaram todos os seus efeitos.

[...] A CRIAÇÃO DA ESCOLA, O RE-CENTRAMENTO DO NÚCLEO FAMILIAR NO CUIDADO DOS FILHOS, A PRODUÇÃO DE DISCIPLINAS E SABERES PERICIAIS, A PROMOÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO SIMBÓLICA DA INFÂNCIA – RADICALIZARAM-SE NO FINAL DO SÉCULO XX, A PONTO DE POTENCIALIZAREM CRITICAMENTE TODOS OS SEUS EFEITOS. ASSIM, A ESCOLA EXPANDIU E SE UNIVERSALIZOU, AS FAMÍLIAS REORDENARAM OS SEUS DISPOSITIVOS DE APOIO E CONTROLE INFANTIL, OS SABERES DISCIPLINARES SOBRE A CRIANÇA ADQUIRIRAM AUTONOMIA E SE DESENVOLVEM EXPONENCIALMENTE, E A ADMINISTRAÇÃO SIMBÓLICA ADQUIRIU NOVOS INSTRUMENTOS REGULADORES COM A CONVENÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA E COM AS NORMAS DE AGÊNCIAS INTERNACIONAIS (COMO A UNICEF, A OIT, A OMS) CONFIGURADORAS DE UMA INFÂNCIA GLOBAL NO PLANO NORMATIVO. (SARMENTO, 2004, P. 5-6).

Ademais, Sarmento (2004, p. 6) alerta pra o fato de que a normatização da infância potencializou, ao invés de anular, as “[...] desigualdades relativas à classe social, ao gênero, à etnia, ao local de nascimento e residência e ao subgrupo etário que cada criança pertence”. Em uma entrevista concedida à Cristiane Marangon, logo após sua exposição em um congresso de Educação Infantil realizado em Maceió/AL, Manuel Sarmento discorreu sobre a sua concepção de infância e a possibilidade de definir tipos de infância. Segundo ele, alguns autores sustentam que é necessário falar de infância no singular para tratá-la como categoria social, no entanto, existem aqueles que trabalham com uma perspectiva interpretativa, que tende a pluralizar as formas de infância. Ao expor seu entendimento sobre infância³ nesta entrevista, concedida à Revista Educação, Sarmento (2011) afirma que:

3. Para maior aprofundamento dessa perspectiva pluralizada da infância, alguns artigos e livros publicados recentemente caracterizam-se como fontes relevantes. Textos como os de Sandra Corazza contidos nos livros *História da infância sem fim* (2000) e *Infância & Educação: Era uma vez... quer que eu conte outra vez?* (2002) contêm pistas, reflexões, discussões e apontamentos sobre o assunto.

NÃO É POSSÍVEL DIZER QUE HÁ UMA ÚNICA INFÂNCIA. NECESSITAMOS ARTICULAR AS CONCEPÇÕES PARA PERCEBER O QUE É COMUM A TODAS AS CRIANÇAS. NA MINHA OPINIÃO, ELA DEVE SER PERCEBIDA COMO UM GRUPO GERACIONAL, DISTINTO DO MUNDO ADULTO. AS CRIANÇAS SÃO DIFERENTES UMAS DAS OUTRAS E, NESSA DIVERSIDADE, HÁ FATORES SOCIAIS ACENTUADOS, QUE NÃO SÃO PURAMENTE INDIVIDUAIS. [...] VIVEMOS EM UM TEMPO EM QUE HÁ UMA COINCIDÊNCIA DE VÁRIAS CONCEPÇÕES – DESDE QUE A CRIANÇA DEVE SER SUBMETIDA A PROCESSOS RIGOROSOS DE CONTROLE DE AUTORIDADE, ATÉ A QUE ELA, SENDO UM SER DE DIREITO, PRECISA SER RESPEITADA NA SUA AUTONOMIA. ESSAS REPRESENTAÇÕES SÃO BEM DIFERENCIADAS E ACOMPANHAM A HISTÓRIA DA HUMANIDADE NOS ÚLTIMOS 250 ANOS. É POSSÍVEL DIZER QUE HÁ DOIS POLOS. UM DELES É QUE A CRIANÇA É UM SER IRRACIONAL E IMORAL E, POR ISSO, DEVE SER SUBMETIDA A PROCESSOS DE RACIONALIZAÇÃO E MORALIZAÇÃO QUE ACONTECEM PELA EDUCAÇÃO, SEJA FAMILIAR OU ESCOLAR. A OUTRA CONCEPÇÃO É QUE A CRIANÇA É NATURALMENTE BOA E QUE, PARA EDUCÁ-LA, BASTA SUSTENTAR E APOIAR SEU DESENVOLVIMENTO. VALE RESSALTAR QUE ESSAS COMPREENSÕES SÃO PRODUZIDAS, PRINCIPALMENTE, NA SOCIEDADE OCIDENTAL E DISSEMINADAS PELO MUNDO. É PRECISO QUE TODOS SAIBAM QUE EXISTEM INFÂNCIAS DIFERENTES. NO BRASIL, POR EXEMPLO, HÁ COMUNIDADES INDÍGENAS EM QUE SÓ SE DEIXA DE SER CRIANÇA AO SE TORNAR PAI OU MÃE.

Apesar dos avanços no reconhecimento e nas discussões sobre a infância, segundo Marina Marcondes Machado (2011, p. 31) ainda hoje há

EM NOSSA CULTURA, UM MURO ENTRE A CRIANÇA E O ADULTO, BEM COMO ENTRE O TEATRO INFANTIL E O TEATRO PARA ADULTOS. ESSE MURO, COMO TANTOS OUTROS, É HISTÓRICO E DIZ RESPEITO AO SURGIMENTO DAS PRIMEIRAS NOÇÕES DE INFÂNCIA.

E as palavras de Marina Marcondes interseccionam-se às teorias de Ariès e Sarmiento, e também aos estudos da escritora e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Regina Zilberman, contidos em seu livro *A literatura infantil na escola* (2003), em que ela apresenta um breve histórico das relações sociais e da infância. Segundo Zilberman (2003), se antes a criança estava inserida nos meios sociais e se relacionando com os meios de produção, a partir do século XVIII o adulto passa a impor a educação para o ser puro, conforme a teoria do bom selvagem, fazendo com que a criança seja afastada dos males e dos vícios sociais. Para a autora, esse processo pode ser chamado de “*ilhamento*” e a escola passa a representar este espaço de isolamento para formação do indivíduo infantil.

Diante desta nova prática social, a instituição escolar passa por reformas e abriga o nascimento da literatura para crianças. Se a educação passa a ser a finalidade única da criança, a literatura, assim como o teatro, adentra o ambiente escolar tendo como finalidade única a educação. Com isso, surgem conflitos que permanecem até hoje, tais como a desvalorização da arte para crianças dentro e fora do ambiente escolar, a produção de arte para este público totalmente fundada por necessidades didáticas e o desinteresse da

criança pelas linguagens artísticas devido a esse viés estritamente pedagógico.

Nesse sentido, o “*ilhamento*” a que Zilberman (2003) refere-se está relacionado a uma necessidade burguesa de retirada da criança do ambiente social, distanciando-a dos processos naturais da vida. Com o afastamento dessa criança do contexto social do ser humano, ainda hoje existem dificuldades ao tratar, com esse público, de temas relativos aos processos naturais e de produção do homem. Com o estabelecimento de barreiras ou muros entre a infância e a idade adulta, à primeira cabe a preparação para chegar à segunda, restando à criança a negação do simplesmente ser, mas a concepção de alguém que está em formação para vir a ser. Este modelo, surgido juntamente com o nascimento da burguesia no século XVIII, ainda prevalece atualmente, tendo a escola como uma ilha, em detrimento de representar a multiplicidade de infâncias e de crianças, que também deve ser considerada.

As diferenças de classes sociais podem ser um exemplo dos componentes das diferentes infâncias. Uma criança de classe social baixa convive diariamente com os processos produtivos e conflitos do mundo adulto, como a morte e a marginalidade. Não estou afirmando, contudo, que as crianças de uma classe social privilegiada não convivam com questões como a marginalidade ou a morte, mas que a criança de uma classe social menos privilegiada está constantemente exposta a essas circunstâncias, muitas vezes sem nenhum tipo de mediação adulta capaz de contextualizá-la acerca da complexidade dessas questões. O que significa que, parafraseando Zilberman (2003), quanto mais baixa a classe social, menos separada torna-se a criança do adulto, e quanto mais destacada a classe social, maior será a separação entre o mundo infantil e o mundo adulto. A esse respeito, Sarmiento (2005, p. 370) sinaliza:

AS CRIANÇAS SÃO INDIVÍDUOS COM A SUA ESPECIFICIDADE BIOPSIOLÓGICA: AO LONGO DA SUA INFÂNCIA PERCORREM DIVERSOS SUBGRUPOS ETÁRIOS E VARIA A SUA CAPACIDADE DE LOCOMOÇÃO, DE EXPRESSÃO, DE AUTONOMIA DE MOVIMENTO E DE AÇÃO ETC. MAS AS CRIANÇAS SÃO TAMBÉM SERES SOCIAIS E, COMO TAIS, DISTRIBUEM- SE PELOS DIVERSOS MODOS DE ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL: A CLASSE SOCIAL, A ETNIA A QUE PERTENCEM, A RAÇA, O GÊNERO, A REGIÃO DO GLOBO ONDE VIVEM.

Concluo, portanto, que os diferentes espaços estruturais diferenciam profundamente as crianças. Sarmiento (2005) também aponta o caráter contraditório presente nesse processo de delimitação da infância e afirma a necessidade de compreender que a noção de infância vive um processo contínuo de mudança e que as dimensões que compõem essa noção também variam em cada momento.

A INFÂNCIA É HISTORICAMENTE CONSTRUÍDA, A PARTIR DE UM PROCESSO DE LONGA DURAÇÃO QUE LHE ATRIBUIU UM ESTATUTO SOCIAL E QUE ELABOROU AS BASES IDEOLÓGICAS, NORMATIVAS E REFERENCIAIS DO SEU LUGAR NA SOCIEDADE. ESSE PROCESSO, PARA ALÉM DE TENSO E INTERNAMENTE CONTRADITÓRIO, NÃO SE ESGOTOU. É CONTINUAMENTE ATUALIZADO NA PRÁTICA SOCIAL, NAS INTERAÇÕES ENTRE CRIANÇAS E NAS INTERAÇÕES ENTRE CRIANÇAS E ADULTOS. FAZEM PARTE DO PROCESSO AS VARIAÇÕES DEMOGRÁFICAS, AS RELAÇÕES ECONÔMICAS E OS SEUS IMPACTOS DIFERENCIADOS NOS DIFERENTES GRUPOS ETÁRIOS E AS POLÍTICAS PÚBLICAS, TANTO QUANTO OS DISPOSITIVOS SIMBÓLICOS, AS PRÁTICAS SOCIAIS E OS ESTILOS DE VIDA DE CRIANÇAS E DE ADULTOS. A GERAÇÃO DA INFÂNCIA ESTÁ, POR CONSEQUÊNCIA, NUM PROCESSO CONTÍNUO DE MUDANÇA, NÃO APENAS PELA ENTRADA E SAÍDA DOS SEUS ATORES CONCRETOS, MAS POR EFEITO CONJUGADO DAS AÇÕES INTERNAS E EXTERNAS DOS FATORES QUE A CONSTROEM E DAS DIMENSÕES DE QUE SE COMPÕE. (SARMENTO, 2005, P. 366).

Nesse sentido, compartilho a análise de Sarmiento (2005) em que ele apresenta a compreensão de que, para falarmos de crianças, não podemos apenas considerar as gerações mais novas, mas a sociedade na sua multiplicidade, na sua diversidade e na sua alteridade diante dos adultos. Apesar das transformações e evoluções que os conceitos de infância e de teatro infantojuvenil vêm abarcando com o passar do tempo, o que se destaca, atualmente, é, ainda, a prevalência de uma concepção “*infantilizada*”, que idealiza a criança como um indivíduo incompleto que só alcança plenitude na fase adulta. Isto posto, entendo que a problemática dos dias de hoje está centrada na busca pelo entendimento de que o que tem sido feito, muitas vezes, não está relacionado propriamente às crianças e aos jovens, mas à ideia que os adultos, os “*grandes*”, têm deles, amparada por uma imagem idealizada da infância ou dos adultos que desejam ser. Desse modo é que surge, por exemplo, a sociologia da infância e o seu esforço teórico principal de mudança de perspectiva ou paradigmática.

Ao pensar esta temática, o desafio que se coloca está ligado à necessidade de pensar o universo infantil sem cair no infantilismo, e, principalmente, sem fazer distinções de qualidade entre o que é

próprio para os “*pequenos*” ou para os “*grandes*”. A percepção da infância, por sua vez, pode ter em conta que esta fase caracteriza-se por uma forma particular de o indivíduo estar no mundo, considerando, ainda, o seu contexto social, proporcionando, conseqüentemente, uma melhor aproximação do entendimento do que pode ser uma produção artística voltada para este público. A esse respeito, a escritora argentina Graciela Montes (2001), ao escrever o livro *El corral de la infancia*, apresenta seu pensamento acerca da infância: um período da vida simultaneamente público e privado, sendo essa delimitação dada por aqueles que representam o poder e a autoridade adulta. Com isso, para a escritora, a infância está fechada em um curral com o pretexto de ser protegida, mas está, ao mesmo tempo, privada de sua liberdade. Sobre a lida dos adultos com esta temática, ela afirma:

A RELAÇÃO ENTRE OS GRANDES E OS PEQUENOS NÃO É UM CAMPO SERENO, MAS AO CONTRÁRIO, UMA REGIÃO DIFÍCIL E ACIDENTADA, E UM POUCO OBSCURA, ONDE SOPRAM VENTOS E TENSÕES; UM NÓ COMPLEXO E CENTRAL A TODA NOSSA CULTURA, QUE SERIA BOBO PRETENDER EXPLICAR EM POUCAS PALAVRAS. LIMITE-ME A DIZER QUE NOSSA SOCIEDADE NÃO TEM CONFRONTADO, SERENAMENTE, COMO O TEMA MERECE, SUA IMAGEM OFICIAL DA INFÂNCIA COM AS RELAÇÕES OBJETIVAS QUE SÃO PROPOSTAS ÀS CRIANÇAS, PORQUE UMA COISA É FALAR DE INFÂNCIA E OUTRA MUITO DIFERENTE É LIDAR COM CRIANÇAS. *[...] HOJE APENAS ESTAMOS APRENDENDO A QUESTIONAR ALGUMAS DAS MUITAS HIPOCRISIAS COM QUE OCULTAMOS NOSSA RELAÇÃO COM A INFÂNCIA. PELO MENOS HOJE O INFANTIL É PROBLEMÁTICO. (MONTES, 2001, P. 19, TRADUÇÃO MINHA).

Não pretendo realizar, aqui, uma abordagem histórica ou psicológica sobre o desenvolvimento desses conceitos ou das produções teatrais voltadas para este público, apenas problematizar a questão a partir da minha experiência e apresentar sob qual perspectiva tem se desenvolvido o trabalho da Trupe de Truões na criação de espetáculos infantojuvenis. Com isso, penso que seja possível continuar aprendendo a questionar de forma mais contundente as hipocrisias com que ocultamos nossa relação com a infância, conforme abordagem da escritora Graciela Montes (2001). Dessa maneira é que me dispus, enquanto ator, professor e pesquisador, a compreender e repensar os caminhos propostos pela Trupe de Truões para o espectador infantil durante minha pesquisa na Pós-graduação em Artes⁴, pois entendo que, ao lidar com crianças e jovens e produzir um espetáculo para este público, estamos também expandindo e expondo nossas ideias sobre infância e juventude. Sendo assim, a partir da percepção de que no campo das produções voltadas para esse público prevalece uma concepção infantilizadora que desconsidera sua capacidade de ler os signos presentes na obra, faço minhas as palavras de Flávio Desgranges (2010, p. 88), ao perguntar: *“como formar espectadores sem que haja de fato, na obra artística, um efetivo desafio estético?”*.

4. Mestrado em Artes pela Universidade Federal de Uberlândia (2014 – 2016), cuja dissertação intitulou-se “Simbá nas escolas: experiências de formação, mediação e fruição teatrais”. Mais informações no link: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/23483>.

É na infância que o caráter do ser humano começa a ser formado, por isso, é crença de muitos indivíduos que tudo que permeia o universo da criança deva ter algum fundamento moral e ético. Por essa razão, não é raro no teatro a reprodução de peças que de alguma maneira reforcem a educação das crianças de acordo com os valores considerados importantes em cada época. Com isso, diante da necessidade (dos adultos) de adequar a linguagem teatral ou os temas abordados para este público específico, o que ocorre é uma pasteurização da obra, fazendo com que ela perca sua função artística que, por natureza, incomoda e desestrutura. Isso se dá pela necessidade daqueles que produzem teatro para este público de não contrariarem os adultos que, por sua vez, determinam o que é bom para a criança, afastando dela qualquer coisa que incomode ou choque. Logo, o principal desafio para pensar em teatro para crianças não é apenas encarar a infância como tal, mas, sim, recriá-la constantemente.

Como um grupo que se propõe a pensar e fazer teatro infantojuvenil, a ideia que norteia nossa prática, enquanto Trupe de Truões, é a de que antes mesmo de ser teatro para crianças, o que fazemos é teatro, ou seja, também é para adultos. Sendo assim, cabe-nos a responsabilidade de refletir sobre suas funções e fazê-lo independentemente da faixa etária do público, em consonância com o que aponta Desgranges (2010, p. 86):

ABRIR AS PORTAS DAS SALAS DE TEATRO AO PÚBLICO INFANTIL, CONVIDANDO A CRIANÇA ESPECTADORA AO DIÁLOGO ESTÉTICO, NÃO SIGNIFICA CONSTRUIR DETERMINADA FORMA DE TEATRO, TENDO POR BASE A BUSCA DE UMA LINGUAGEM 'ESPECÍFICA', ADEQUADA A SEU GOSTO E CAPACIDADE COMPREENSIVA, MAS TÃO SOMENTE FAZER TEATRO, COM A LIBERDADE, INQUIETUDE E INVESTIGAÇÃO DE LINGUAGEM PRÓPRIAS AO FAZER ARTÍSTICO, ESTIMULANDO UM DEBATE EM QUE O ESPECTADOR INFANTIL TAMBÉM PARTICIPE, ESTABELECENDO UM DIÁLOGO, ENCONTRO ENTRE ADULTOS E CRIANÇAS, CONVIDANDO A TODOS A REFLETIR SOBRE OS PROBLEMAS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO, NOSSOS QUESTIONAMENTOS, A PARTIR DE DIFERENTES PONTOS DE VISTA, DIVERSOS ENFOQUES.

Considerando o diálogo com os pensadores referidos neste texto, a partir desse subsídio teórico-conceitual e de acordo com minhas experiências como professor e ator de teatro para infância e juventude, chego à conclusão de que as Artes Cênicas ligadas a este espectador criança/jovem/adolescente possuem

particularidades. Por um lado, é teatro como qualquer outra manifestação teatral, mas, por outro lado, trata-se de um teatro particular, já que o público para o qual é dirigido é peculiar, tem suas próprias identidades, suas necessidades e suas formas de confrontar e enfrentar o mundo por meio do jogo simbólico de significações, por excelência.

Assim, penso que o respeito daqueles que produzem teatro para este público deve ser o princípio do trabalho artístico voltado para a sensibilidade da criança, considerando-a como ser que pensa e percebe o mundo de forma diferenciada, a seu modo e em consonância com o tempo, condições e lugar onde vivem. Por conseguinte, o teatro levado à criança e ao jovem, seja na sala de espetáculos ou no ambiente escolar, deve ter como premissa a sua natureza artística, admitindo a sua função como obra de arte.

Nessa perspectiva, aqueles que estão de fato comprometidos com o desenvolvimento de uma revolução no pensamento do teatro voltado para crianças e jovens propõem que essa produção seja fixada no caráter poético da arte, na imaginação, nos jogos e, principalmente, constitua-se como uma experiência transformadora, sem a necessidade de um entendimento único. Ou seja, temos que desviar a criança da formação de falsas concepções, contribuindo para o desenvolvimento do seu gosto pelo teatro, vinculando o respeito que o teatro demanda, elevando, portanto, o nível artístico das produções e, conseqüentemente, das novas gerações de espectadores teatrais, assim como anunciado por Stanislavski, citado por Koudela (2008, p. 2), em sua resposta ao questionamento sobre como deveria ser o teatro para crianças: *“igual ao dos adultos, só que melhor”*.

Referências:

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do espectador**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MACHADO, Marina Marcondes. O teatro, a criança e os “mundos de vida”: aspectos existenciais da criação adulta sobre e para as culturas da infância. **Subtexto** – Revista de Teatro do Galpão Cine Horto, Belo Horizonte, ano 7, n. 8, p. 31-38, dez. 2011.

MONTES, Graciela. **El corral de la infancia**. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da Infância nas encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Orgs.). **Crianças e miúdos**: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação. Porto Alegre: ASA, 2004.

----- . Gerações e alteridade: interrogações a partir da Sociologia da Infância. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, mai./ago. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000200003>. Acesso em: 20 ago. 2017.

----- . É preciso ouvir as crianças. **Revista Educação** [online]. São Paulo, ago. 2011. Entrevista concedida a Cristiane Marangon. Disponível em: <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/161/artigo234827-1.asp>. Acesso em 20 de abril de 2016.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 2003.



aqueles que estão de fato comprometidos com o desenvolvimento de uma revolução no pensamento do teatro voltado para crianças e jovens



propõem que essa produção seja fixada no caráter poético da arte, na imaginação, nos jogos e, principalmente, constitua-se como uma experiência transformadora, sem a necessidade de um entendimento único.